

Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida

CONVENTO DA ARRÁBIDA, 6 E 7 DE NOVEMBRO DE 1998

Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final

|| JOÃO LUÍS CARDOSO ||

RESUMO No decurso de um largo lapso temporal, balizado inferiormente pelos meados do V milénio a.C. e superiormente pelo final do primeiro quartel do I milénio a.C., foi a região da Arrábida palco de diversificadas presenças humanas, hoje em dia representadas por numerosos testemunhos arqueológicos, objecto de apresentação e discussão nesta comunicação, tendo em vista a reconstituição das realidades culturais e humanas que se sucederam na ocupação deste notável território, com características naturais e geográficas específicas. Deste modo, serão apresentados os principais sítios, tanto de carácter habitacional como funerário, do Neolítico, do Calcolítico e da Idade do Bronze que até ao presente foram identificados e objecto de estudo e publicação, cujos vestígios materiais contribuem decisivamente para a caracterização económica, social e cultural das respectivas comunidades. Serão ainda mencionados os materiais exumados, que tornaram a Arrábida uma das zonas do nosso País mais célebres do ponto de vista arqueológico, desde o último quartel do século XIX. Com base na informação disponível, será elaborada uma síntese geral da evolução das principais etapas culturais regionalmente representadas, numa perspectiva diacrónica, face a realidades de expressão cada vez mais alargada e complexa, ainda que desde sempre estreitamente articuladas com o mundo meridional e mediterrâneo, do qual esta região fazia (e faz) parte integrante.

ABSTRACT Over the course of a long time period, beginning in the middle of the 5th millennium BC and extending to the end of the first quarter of the 1st millennium BC, the region of the Serra da Arrábida was the stage for a variety of human groups, today represented by numerous archaeological sites. The goal of this paper is to reconstruct the societies and cultures that existed over time in this important region, with its distinctive natural and geographic characteristics. Those sites, including both settlements and burials, of the Neolithic, Chalcolithic, and Bronze Age, will constitute the basis for the reconstruction of the economy, society, and culture of these ancient communities and will be presented here.

Also discussed will be the most important artefacts, which has made the Arrábida one of the most important regions of our country from an archaeological perspective, since in the last quarter of the 19th century. With the available information as a basis, this paper will develop a general synthesis for the diachronic evolution of the principal cultural stages that are represented in this region in light of the material realities that become increasingly complex over time, although they are always linked to the Mediterranean world, of which this region was (and is) an integral part.

1 - Antecedentes - breve resenha historiográfica

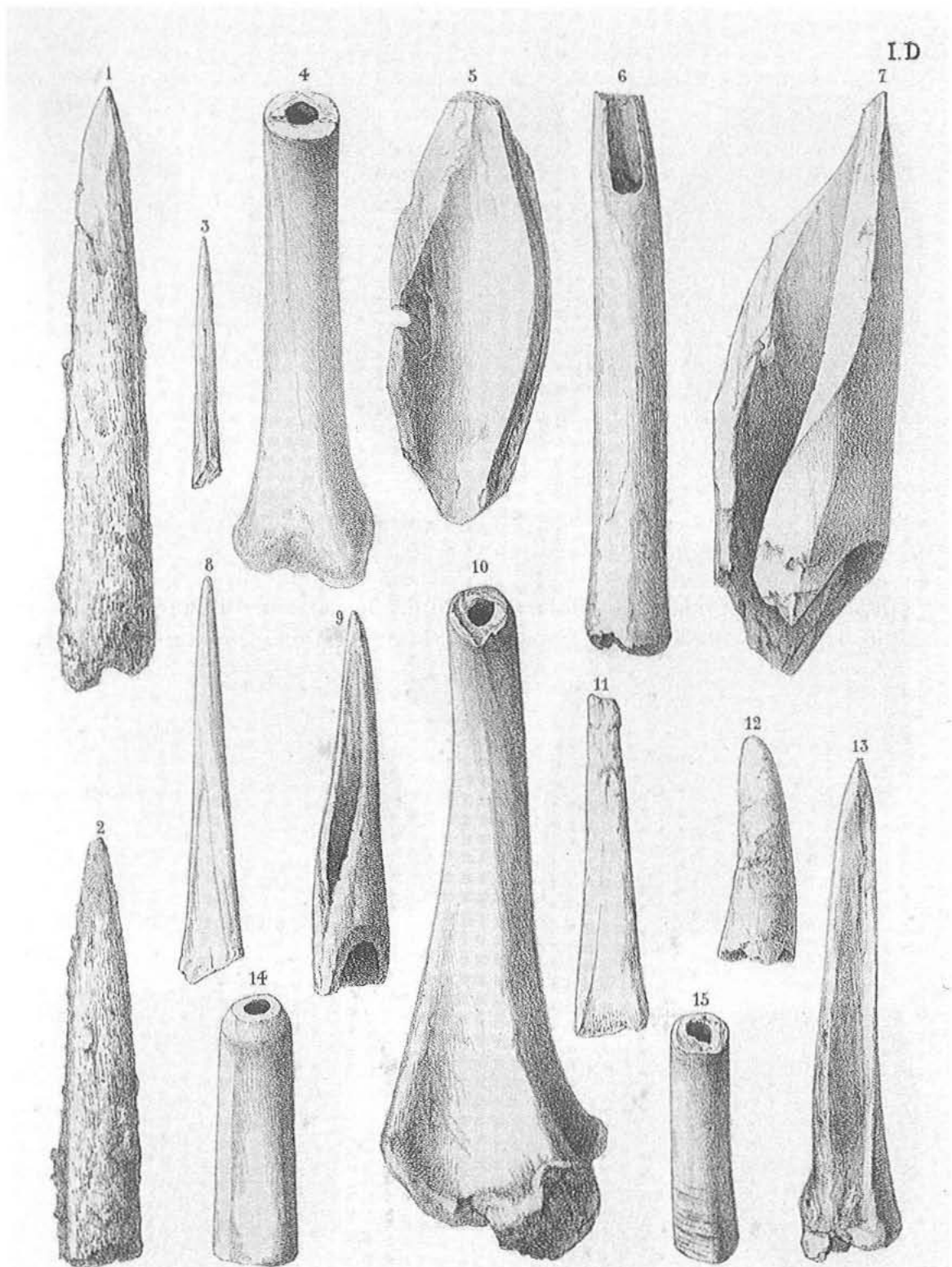
Em 1866, Carlos Ribeiro, pioneiro da Geologia e da Pré-história portuguesas, publicou a sua “Descrição do terreno quaternário das bacias hidrográficas do Tejo e do Sado” (Ribeiro, 1866), obra que marca o início do reconhecimento científico, geológico e arqueológico, da região da Arrábida. Datará dessa época a primeira exploração dos

hipogeus da Quinta do Anjo, ou de Palmela, logo seguida, em 1878, da segunda campanha, efectuada pelos colectores António Mendes e Agostinho José da Silva, sob orientação de Carlos Ribeiro e a identificação, por este último, do povoado pré-histórico da Rotura (em 1865 ou 1866) visto existirem belas litografias coloridas de algumas das peças dali provenientes (Figs. 1 e 2), executadas sob a responsabilidade de F. Pereira da Costa; destinavam-se à publicação de um álbum sobre pré-história portuguesa, por ocasião da Exposição Universal de Paris, em 1867, o qual, porém, jamais foi concluído (Carreira e Cardoso, 1996).

A segunda fase da investigação arqueológica na região em apreço teve o seu expoente no oficial médico António Ignácio Marques da Costa (Fig. 3). A sua notável actividade abarcou o reconhecimento arqueológico da maior parte da região da Arrábida, com a indicação de numerosas estações pré-históricas, proto-históricas e romanas, a reescavação do povoado da Rotura e das grutas de Palmela, bem como extensas escavações no povoado pré e proto-histórico de Chibanes, recentemente retomadas. Os resultados foram sendo regularmente publicados, de 1902 a 1910, nas páginas de "O Arqueólogo Português" (Costa, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1910) e os materiais prontamente depositados, no Museu Nacional de Arqueologia. Caso exemplar, sem dúvida, e a vários títulos.

Depois de largo interregno, Eduardo da Cunha Serrão, a partir de 1956, primeiro sozinho, depois com Rafael Monteiro e Gustavo Marques, finalmente agregando grupo de então jovens alunos da Faculdade de Letras de Lisboa – José Morais Arnaud, Vitore Susana O. Jorge, F. Sande Lemos e J. Pinho Monteiro – desenvolveu notável actividade na região sesimbrense. Promoveu o reconhecimento arqueológico do concelho, de que resultou a Carta Arqueológica de Sesimbra, publicada em 1973, à época documento pioneiro (Serrão, 1973), ao mesmo tempo que dirigiu campanhas em duas importantes necrópoles – a Lapa do Fumo e a Lapa do Bugio – cujos primeiros e mais relevantes resultados foram dados a conhecer, em Portugal e no Estrangeiro (Serrão, 1958; Monteiro e Serrão, 1959). Esta actividade pioneira coincidiu, no tempo, com a execução da folha geológica de Setúbal, bem como da respectiva notícia explicativa publicada em 1965 (Zbyszewski et al., 1965); com efeito, os trabalhos de campo então realizados na região, conduziram a novas descobertas e incitaram O. da Veiga Ferreira a retomar, com Rafael Monteiro, as escavações da Lapa do Bugio (em 1966 e 1967) descoberta pelo último (Monteiro, Zbyszewski e Ferreira, 1971) e à preparação de importante monografia sobre as grutas de Palmela, editada em bela memória dos Serviços Geológicos de Portugal, em co-autoria com V. Leisner e G. Zbyszewski (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961).

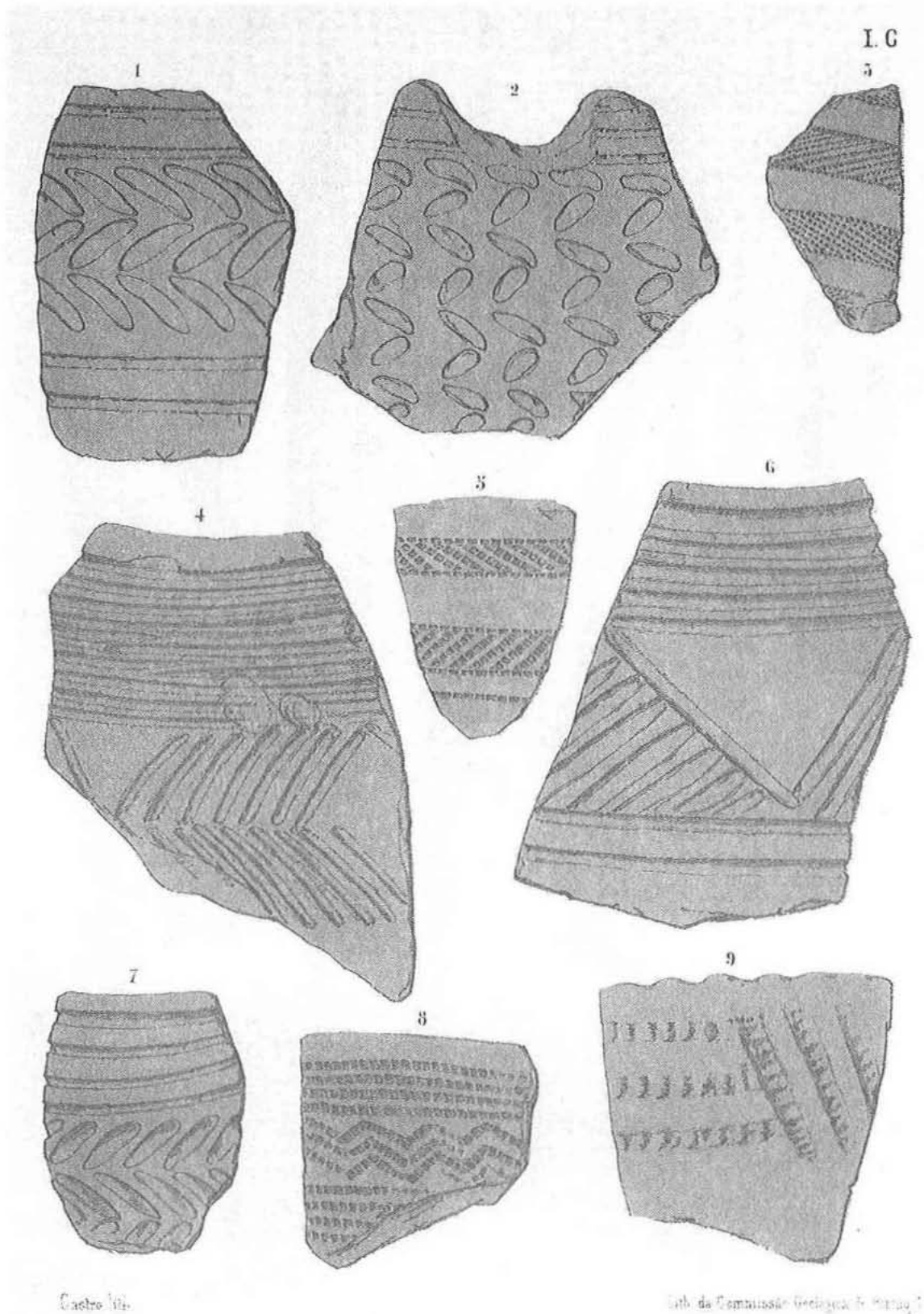
No início da década de 1960, desponta em Setúbal, nova geração de arqueólogos: Carlos Tavares da Silva dedicou o seu primeiro trabalho científico à fauna malacológica do castro da Rotura (Silva, 1963), publicado pela tertúlia setubalense "Cultura, Ciência e Saber": naquela estação viria a empreender trabalhos arqueológicos, de que resultaram importantes artigos (Silva, 1971; Ferreira e Silva, 1971). Por seu turno, Victor dos Santos Gonçalves, também encetou prospecções e sondagens naquele povoado pré-histórico (Gonçalves, 1966). As escavações mais desenvolvidas, que ali dirigiu em 1967 e 1968, estiveram na origem da sua dissertação de licenciatura em História, publicada em 1971 (Gonçalves, 1971). Os trabalhos de ambos, na região, prosseguem na actualidade, o primeiro em colaboração com Joaquina Soares, desde início da década de 1970, não só na escavação de numerosas estações pré-históricas, proto-históricas e romanas da região, como também na identificação de novos sítios, actividades que,



Gastro lith.

Lith. da Comissão Geologica de Portugal

FIG. 1 - Peças ósseas a maioria ou totalidade recolhidas em 1865/1866 no povoado pré-histórico da Rotura, reproduzidas em litografia da época da Comissão Geologica de Portugal (Carreira e Cardoso, 1996).



Castro VII.

Lab. da Comissão Geologica de Portugal.

FIG. 2 - Fragmentos cerâmicos recolhidos em 1865/1866 no povoado pré-histórico da Rotura (com excepção do n.º 9, oriundo da Casa da Moura, Óbidos), reproduzidos em litografias da época da Comissão Geologica de Portugal (Carreira e Cardoso, 1996). Saliente-se que foram os primeiros materiais campaniformes (n.º 3, 5 e 8), bem como as características cerâmicas do Calcolítico Pleno com decoração em "folha da acácia" e motivos associados (n.º 1, 2, 4, 6 e 7) publicados em Portugal.



FIG. 3 – Antônio Ignácio Marques da Costa, em uniforme de Tenente do Exército (reprodução de original existente nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia).

depois da criação do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal e da organização do Parque Natural da Arrábida, adquiriram outra dimensão (Silva e Soares, 1986). Enfim, da presente década são já os trabalhos dirigidos pelo autor na Lapa da Furada, Sesimbra (Cardoso, 1993; Cardoso e Cunha, 1995), bem como a reapreciação de antigos espólios arqueológicos, de que se destaca o artigo monográfico dedicado à Lapa do Bugio (Cardoso, 1992a), para além de sínteses regionais (Cardoso, 1998). Com efeito, a realização de estudos de antigas colecções é tarefa prioritária, e com resultados largamente positivos, de que é exemplo artigo recente, sobre o espólio recuperado por Marques da Costa no povoado de Chibanes, o qual se mantinha em boa parte inédito (Carreira, 1998).

2 - O Neolítico Antigo

O povoado de encosta de Fonte de Sesimbra (Soares, Silva e Barros, 1979), a plataforma de Pinheirinhos, já a caminho do Espichel (Silva e Soares, 1986) e a oficina de talhe do sílex de Amieira (Cardoso, 1992b) corporizam a ocupação da região, em estágio avançado do Neolítico Antigo, através de sítios de habitat abertos, instalados em encostas ou em plataformas vastas e regulares, encontrando-se a exploração das matérias-primas já organizada, como demonstra a existência da importante oficina de Amieira, implantada em zona arenosa e com boa visibilidade. Os materiais cerâmicos recolhidos no primeiro dos referidos sítios integram-se plenamente nessa fase cultural, situável na primeira metade do V milénio a.C. Data também dessa época a primeira ocupação da Lapa do Fumo, onde se recolheram vasos em forma de saco, com asas recortadas acima do bordo e de perfuração horizontal, com decoração no bojo, de métopas alternadas, em espiga ou “falsa folha de acácia” (Fig. 4) (Serrão, 1975), configurando, tal como outras grutas estremenhas, o seu aproveitamento funerário.

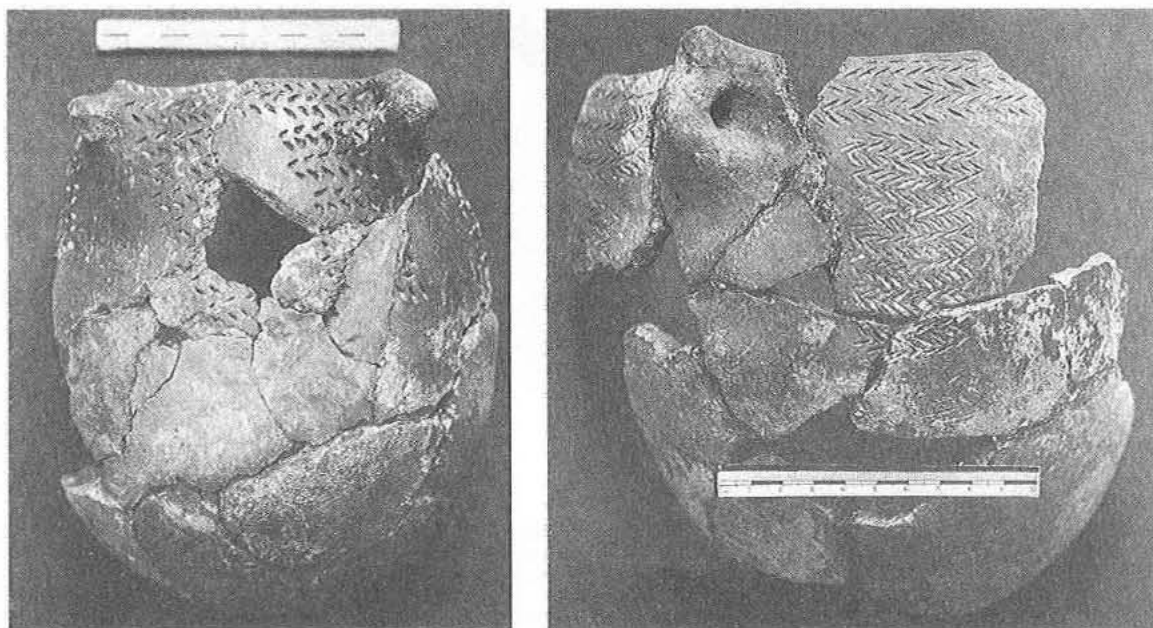


FIG. 4 – Vasos globulosos do Neolítico Antigo evolucionado da Lapa do Fumo. Fotos E. da Cunha Serrão.

3 - O Neolítico Médio

Na zona da actual Comporta, estabeleceram-se diversos núcleos humanos, dedicados exclusivamente à recollecção, numa altura em que a península de Tróia ainda se não encontrava formada: era fácil e imediato o acesso ao mar e a exploração do biótopo litoral por parte das comunidades ali instaladas, como indica a predominância, nos respectivos depósitos arqueológicos, de moluscos próprios de águas de maior salinidade da actualmente verificada do lado estuarino, onde as estações hoje se encontram situadas (Fig. 5). Esta conclusão foi reforçada pelas características sedimentológicas das camadas da base das respectivas ocupações, correspondentes a areias de praia marinha (Silva et al., 1985).

A fase mais antiga – Comporta I – encontra-se representada pelo Pontal, estação integrável no Neolítico Médio, situado na 1.ª metade do IV milénio a.C. Ocorrem recipientes em geral fechados, decorados apenas com um sulco abaixo do bordo e cerâmicas impressas ou incisas vestigiais, podendo considerar-se reminiscências das cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo.

Comporta II e Comporta III representam fases mais avançadas, a última já da transição do Neolítico Final para o Calcolítico, na qual surgem os primeiros artefactos ideotécnicos, de que é expoente bem conhecido exemplar, publicado muito antes da exploração arqueológica efectuada nestas estações (Ribeiro, Zbyszewski e Ferreira, 1965; Sangmeister e Ribeiro, 1967).

As populações que, de forma sazonal, habitaram a antiga embocadura meridional do Sado, limitavam-se às práticas fáceis e ancestrais da recollecção e marisqueio, herdadas do Mesolítico regional, as quais também se podem entrever nos concheiros detectados na margem oposta, junto da actual praia de Galapos, entretanto destruídos (Silva e Cabrita, 1968; Costa, 1904). Tal presença mostra que as mesmas actividades de subsistência



FIG. 5 – Estação de Malhada Alta, no limite de língua arenosa dominando o estuário do Sado. Foto C. Tavares da Silva.

sazonal eram comuns a ambos os lados do grande estuário, embora condicionadas pela natureza e quantidade dos recursos potencialmente disponíveis em cada um deles. Porém, na adjacência do Possanco – o mais recente dos sítios escavados na área da Comporta – a existência de terras de boa qualidade, não observada nos restantes, configura já a prática da agricultura.

4 - O Neolítico Final

Enquanto, em certas épocas do ano, as populações do Neolítico Final acorriam ao litoral, ali obtendo a base alimentar para uma fácil subsistência, como recorrentemente se verificou para outras épocas e culturas, tanto na costa sudoeste como no litoral algarvio – de que são exemplo as estações do Bronze Final de Cerradinha, Santiago do Cacém (Silva e Soares, 1979) e de Pontes de Marchil, Faro (Monteiro, 1980) – despontavam em áreas mais interiores da região em apreço, modalidades mais complexas de ocupação.

O povoado do Alto de São Francisco configura o padrão de povoamento regional dominante a partir do Neolítico Final: trata-se de sítio de altura, com boas condições naturais de defesa, embora não fortificado (Fig. 6). A par das duas formas cerâmicas mais características do Neolítico Final estremenho – a taça carenada e o vaso de bordo denteado – subsistem escassas cerâmicas com decoração incisa e impressa (Silva e Soares, 1986, Fig. 43), as quais tendem a desaparecer antes do final desta fase cultural (Cardoso e Carreira, 1994): como antes se mencionou, elas ainda se encontram presentes no Neolítico Médio do Pontal. A nova estratégia de povoamento poderá relacionar-se, como outros já salientaram, com as melhorias tecnológicas resultantes sobretudo da adopção



FIG. 6 – O povoado do Alto de S. Francisco, implantado em pequena colina, ao centro, em último plano. Foto C. Tavares da Silva.

da tracção animal a carros e arados, que viabilizaram significativos aumentos de produção agrícola, com a correspondente acumulação, pela primeira vez verificada, de excedentes, que careciam de protecção.

É nessa época que foram abertos, nos calcários brandos do Miocénico, os quatro hipogeus sepulcrais de Palmela. A análise tipológica dos artefactos ali recolhidos permite aceitar as seguintes fases de utilização da necrópole:

1 – Uma primeira ocupação remonta ao Neolítico Final; encontra-se representada por micrólitos, machados de secção oval a circular, picotados, enxós espalmadas e placas de xisto as quais, porém, tal como outros artefactos, detêm marcada longevidade: um alfinete de toucado, de cabeça postiça, datado por AMS no Laboratório de Oxford, deu o resultado de: Ox A - 5508 - 2870 - 2460 Cal BC (Cardoso e Soares, 1995), que corresponde a data já calcolítica, indicando que tais artefactos, embora ocorram, com evidente dominância, em contextos do Neolítico Final sobrevivem, pelo menos na Estremadura, até época tardia;

2 – Uma segunda ocupação é atribuível ao Calcolítico Inicial/Pleno, encontrando-se representada por artefactos ideotécnicos de calcário, a que se podem associar raros recipientes cerâmicos, designadamente os típicos copos com decoração canelada (Figs. 7 e 8);

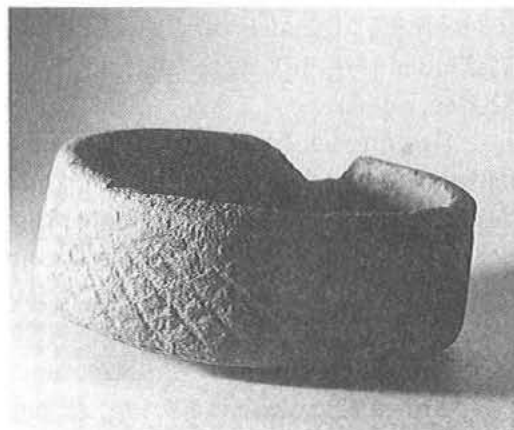


FIG. 7 – Pequena taça, ou copo baixo com decoração canelada da Gruta IV de Palmela. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Foto M. Leitão/arquivo O. da Veiga Ferreira.

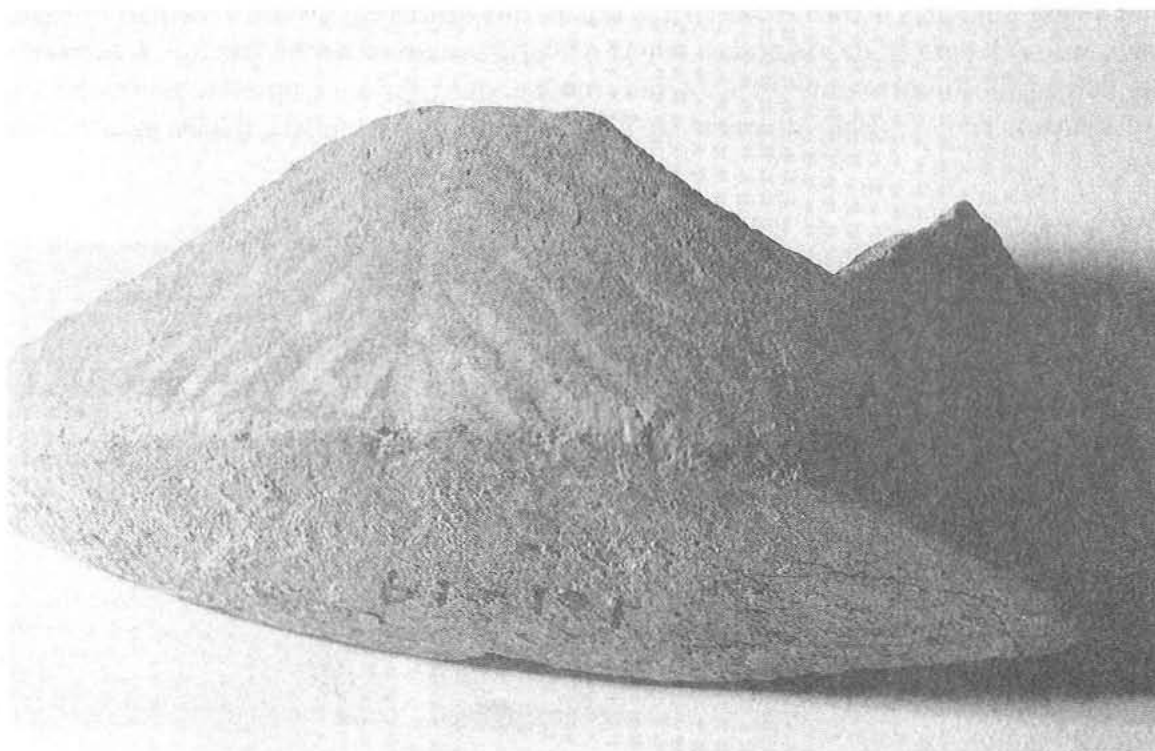


FIG. 8 – Fragmento de copo com decoração canelada de Gruta I de Palmela. Museu Nacional de Arqueologia. Foto M. Leitão/arquivo O. da Veiga Ferreira.

3 – A terceira ocupação é de época campaniforme, com todos os elementos que, tradicionalmente, se reportam a tal presença: vasos campaniformes, caçoilas e taças Palmela, botões em tartaruga e com dupla perfuração em V e pontas Palmela, entre outros (Figs. 9 e 10).

Os profundos remeximentos que atingiram o espólio, habituais em espaços funerários fechados, mesmo na própria época das tumulações, impediram a observação de estratigrafia, situação agravada pela fase precoce em que se efectuaram as escavações.

A intensa reutilização que estes quatro sepulcros evidenciam – juntamente com os homólogos dos Capuchos, actualmente quase desaparecidos – poderá relacionar-se com vários povoados, situados na sua adjacência: Rotura (Fig. 11), Pedrão (Fig. 12) e Chibanes (Calcolítico Inicial e/ou Pleno e campaniforme); Moinho da Fonte do Sol (Fig. 13) e Malhadas (Fig. 14), essencialmente ou exclusivamente de época campaniforme (Silva e Soares, 1986).

Nas imediações da Rotura, diversas pequenas grutas naturais, directamente relacionadas com aquele povoado, tiveram também funções sepulcrais – designadamente a Lapa de São Luís e uma furna a oriente do povoado pré-histórico – à semelhança do verificado para outros povoados estremenhos, como Leceia e Carnaxide (Cardoso, 1995): na sua adjacência também se verificou o aproveitamento de diversas pequenas grutas naturais como espaços funerários. Quanto à Lapa da Rotura, situada imediatamente sob o povoado pré-histórico, os materiais que, seguramente, detêm carácter funerário são exclusivamente campaniformes (Carreira, 1998, Fig. 4); pertenceriam apenas a um enterramento.

No Neolítico Final, verifica-se também continuação na ocupação funerária da Lapa do Fumo. Os trabalhos efectuados levaram à identificação de horizonte estratigráfico contendo recipientes lisos, alguns almagrados, e placas de xisto, constituindo conjunto estreitamente afim de espólios dolménicos alentejanos. O ritual funerário que ali se teria desenvolvido foi descrito em pormenor (Serrão e Marques, 1971): sobre a superfície do terreno, previamente regularizada com barro, atearam-se pequenas fogueiras, em torno de ossos humanos soltos, por vezes já fracturados, o que explica que alguns deles exibam marcas de fogo; seguiu-se a deposição de oferendas, que já não evidenciam tal acção; por fim, o conjunto foi polvilhado abundantemente por ocre vermelho, que cobriu e empastou ossos, carvões e artefactos. Trata-se, evidentemente, de uma acumulação secundária, datada pelo ^{14}C em

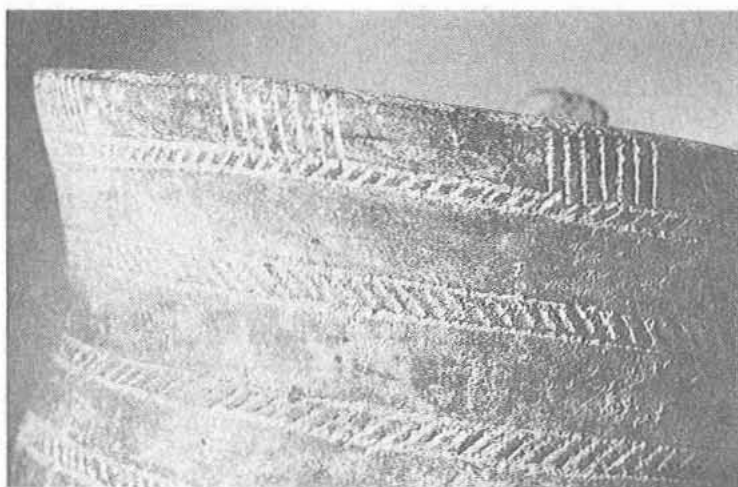


FIG. 9 – Pormenor da decoração de vaso marítimo, a ponteados, estilo AOO de Gruta de Palmela, indeterminada. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Foto M. Leitão/arquivo O. da Veiga Ferreira.



FIG. 10 – Pormenor da decoração de vaso marítimo, incisa, es da Gruta III de Palmela. Museu do Instituto Geológico e M Foto M. Leitão/arquivo O. da Veiga Ferreira.



FIG. 11 – O povoado pré-histórico da Rotura, no início do século já quase totalmente destruído (reprodução de original existente nos arquivos do Museu Nacional de Arqueologia, cf. Carreira, 1998).



FIG. 12 – Vista do povoado pré-histórico do Pedrão, à direita, sobre escarpa rochosa dominando o estuário do Sado.
Foto C. Tavares da Silva.

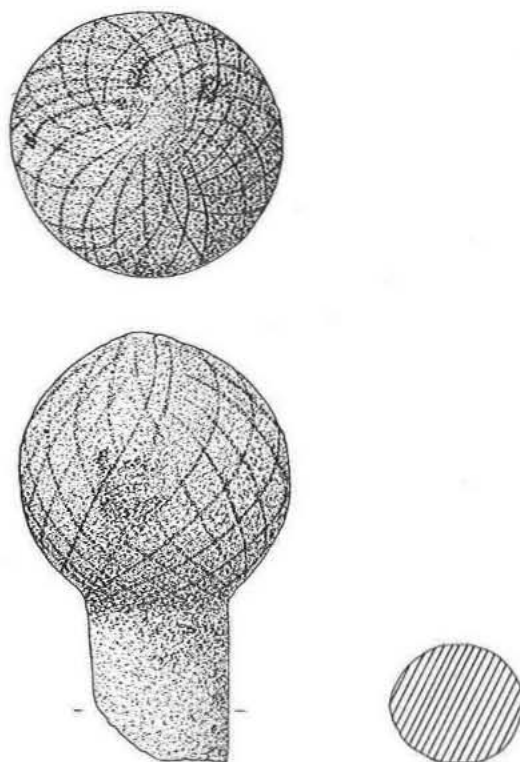


FIG. 13 – “Bolbo da flor de lótus”, “pinha” ou “flor de palmeira”, objecto ideotécnico de calcário da Lapa do Bugio. Museu Municipal de Sesimbra (Cardoso, 1992, Est. 47, n.º 4). (x 0,52).

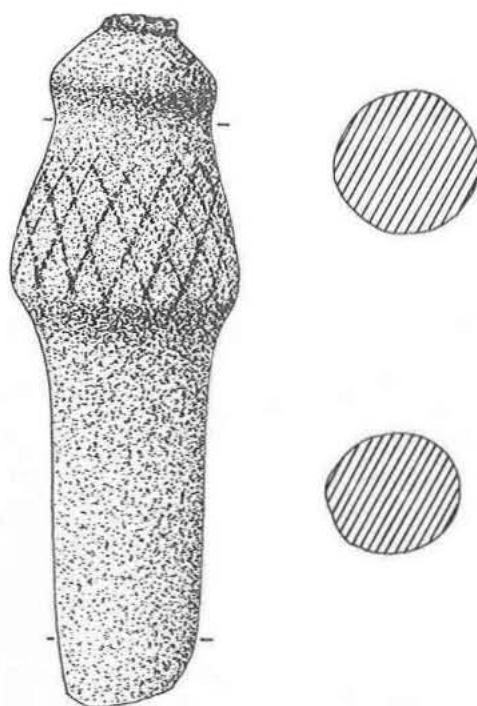


FIG. 14 – “Bolbo da flor de lótus”, “pinha” ou “flor de palmeira”, assemelhando-se morfologicamente a capítulo de alcachofra antes de desabrochar. Museu Municipal de Sesimbra (Cardoso, 1992, Est. 47, n.º 3). (x 0,63).

4420 ± 45 BP (3325 - 2920 Cal BC para um intervalo de cerca 95% de confiança), compatível com a cronologia do Neolítico Final estremenho (Soares e Cabral, 1993).

Outro ossário, embora de menores dimensões, foi identificado na Lapa do Bugio, cerca de 3 km para Oeste da Lapa do Fumo e em idêntica situação geomorfológica, uma pequena cornija calcária dominando a encosta meridional da Arrábida, sobre o mar (Cardoso, 1992; Monteiro, Zbyszewski e Ferreira, 1971). Neste caso, trata-se certamente de amontoado resultante de reutilização do espaço funerário, no decurso do Neolítico Final, quando ali se instalou uma necrópole constituída por sepulturas individualizadas por pequenas lajes calcárias. Outras ocorrências se poderiam juntar às mencionadas, como as grutas A e B do Forte do Cavalo, outrora situadas sobre o mar, na zona hoje ocupada pelo porto de pesca de Sesimbra (Serrão, 1967).

5 - O Calcolítico Inicial e Pleno

A intensificação económica patenteada pelas populações que, no decurso da primeira metade do III milénio a.C., ocuparam a região em apreço e, de uma forma mais geral, toda a Estremadura, teve como consequência mais imediata o clima de instabilidade generalizado, bem evidenciado pela fortificação de alguns povoados mais importantes. Detectaram-se vestígios de construções defensivas no povoado pré-histórico de Sesimbra, agora pela primeira vez mencionadas, com base em extracto de caderno de campo de O. da Veiga Ferreira de 22.12.1967, com bastiões adossados a muralha curvilínea; trata-se de sítio onde brevemente pretendemos levar a cabo explorações, identificado em 1966 por Gustavo Marques, que dele deu pequena notícia, ilustrada com materiais cerâmicos, sobretudo do Calcolítico Pleno (Marques, 1967). Também nos povoados de Rotura (Fig. 11) e de Chibanes, onde se detectaram restos de construções defensivas calcolíticas (Costa, 1903, Fig. 6; Silva e Soares, 1997), a presença mais antiga deverá remontar já ao início do Calcolítico Pleno, tendo presente a ausência, em ambos, dos característicos copos canelados do Calcolítico Inicial estremenho. No povoado pré-histórico da Rotura, do qual cerca de 4/5 foram destruídos por antiga pedreira, no século XIX (Fig. 11), a estratigrafia descrita (Silva, 1970; Ferreira e Silva, 1971) abarca três fases culturais sucessivas: à fase cultural mais antiga, que consideramos do início do Calcolítico Pleno (Cardoso, 1997), pelo critério atrás referido e também pela abundância de testemunhos metalúrgicos, presentes logo no início da ocupação do sítio, representada pela C.6, sucedem-se os níveis médios (C.4 e C.3), com abundantes fragmentos de grandes vasos de armazenamento, decorados com os característicos padrões impressos em "folha de acácia" e "crucífera", que corporizam o Calcolítico Pleno. Enfim, nos níveis superiores, surgem cerâmicas campaniformes (Grupo de Palmela), de início em associação estratigráfica com as cerâmicas decoradas pré-campaniformes supra referidas.

A importância da metalurgia do cobre encontra-se atestada a partir dos níveis inferiores (cadinhos, escórias), avultando os anzóis (Gonçalves, 1971), artefactos calcolíticos raros, que evidenciam a importância da pesca estuarina (corvinas, atuns ou toninhas, atendendo às dimensões, excessivas para pargos ou douradas). A presença calcolítica no esporão rochoso do Pedrão (Fig. 12), dominando toda a baixa de Palmela/Setúbal e o estuário do Sado, é mais antiga: remonta ao Calcolítico Inicial, como se conclui pela presença de copos com decoração canelada (Soares e Silva, 1975). Admite-se, deste modo, que o abandono deste povoado tivesse coincidido com a fundação da Rotura situada a apenas 500m de distância (Silva e Soares, 1986, p. 83). A continuidade das práticas religiosas do Neolítico Final encontra-se ali sugerida pela presença de uma placa de xisto, intacta, a menos que se trate

de peça circunstancialmente recolhida na época em sepulcro anterior. Com efeito, prossegue a utilização das necrópoles neolíticas, acentuando-se as influências mediterrâneas, patentes em algumas das peças exumadas. É o caso de dois singulares artefactos de calcário, cuja raiz mediterrânea e oriental não é difícil de admitir (Cardoso, 1991), representando hipoteticamente o “bolbo de flor de lótus”, ou alternativamente uma “pinha” ou uma “flor da palmeira” (Figs. 13 e 14), símbolos orientais relacionados com a purificação e a renovação da vida, como convinha aos defuntos a quem acompanhavam, como oferendas. A influência oriental é ainda sublinhada pela matéria-prima utilizada, tão apreciada, pela mesma altura, para confecção de artefactos funcionalmente idênticos, no Mediterrâneo Oriental. A semelhança formal de um dos exemplares – único nos inventários portugueses – com o capítulo de alcachofra (Fig. 14) antes de desabrochar é também sugestiva (Serrão, 1975), embora insuficiente, para ser considerada sem discussão.

Aliás, a influência mediterrânea, exercida talvez por processos de difusão osmótica, segundo modelo “em mosaico” na superestrutura mágico-religiosa destas comunidades, ascende pelo menos ao Neolítico Final, como é sugerido pelas representações presentes em duas placas de xisto também da Lapa do Bugio já valorizadas por Gonçalves (1970, p. 421) nos seguintes termos (Figs. 15 e 16):

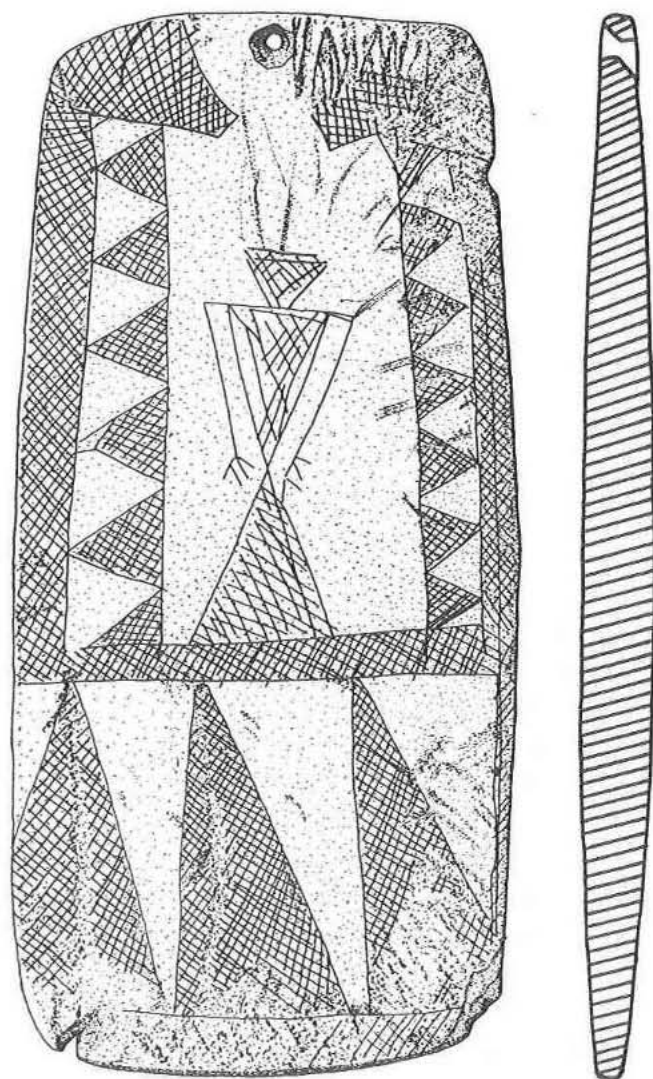


FIG. 15 – Placa de xisto da Lapa do Bugio, com representação de “ídolo almeriense”, o “Jovem Deus”, inscrito em cartela. Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal (Cardoso, 1992, Est. 19, n.º 2) (x 0,71).

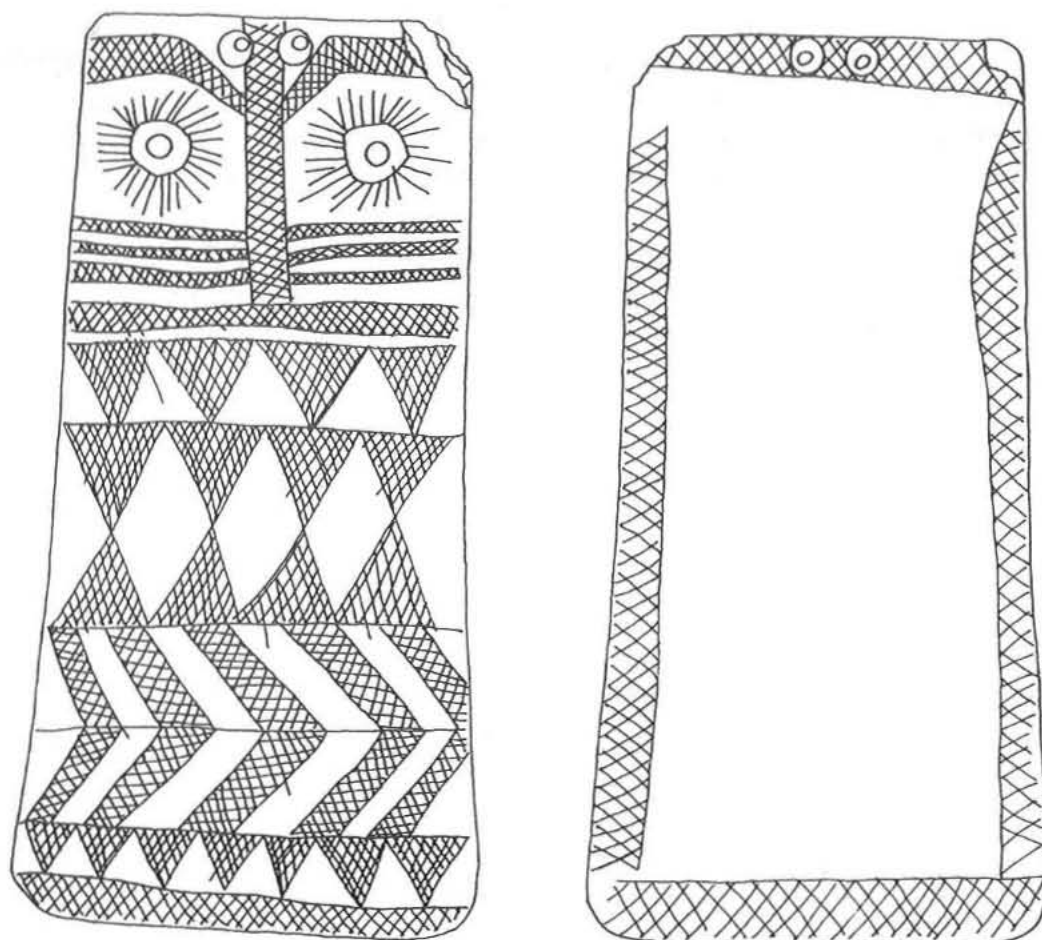


FIG. 16 – Placa de xisto da Lapa do Bugio, com a representação de quatro “ídolos almerienses”. Museu Municipal de Sesimbra (Cardoso, 1992, Est. 46, n.º 8). (x 0,85).

“Que a primeira possui no seu interior uma representação antropomórfica, tal, de tão evidente, está fora de discussão. Que a segunda traz em si quatro representações do mesmo tipo da anterior é o que me parece, também, fora de dúvida. Que as placas representam a Deusa-Mãe e a figura desenhada em ambas o Jovem Deus, eis uma hipótese de trabalho arriscada mas extremamente sugestiva que, baseando-me nos princípios da História comparada, não quis deixar de trazer aqui”.

A figura do Jovem Deus corresponderia, deste modo, às numerosas placas recortadas, de osso, xisto e calcário, inventariadas por Leisner e Leisner (1951), com distribuição estreitamente e alto-alentejana, as quais, normalmente, se designam por “ídolos almerienses”, assim também chamados pelo referido autor, muitos anos depois, a propósito de exemplar de xisto recolhido na Anta Grande do Olival da Pega - OP1 em estudo onde retoma a interpretação anteriormente transcrita (Gonçalves, 1992, p. 227).

6 - O fenómeno campaniforme

Resultados cronométricos recentes situam a eclosão do fenómeno campaniforme nos estuários do Tejo e do Sado em plena primeira metade do III milénio a.C., à semelhança do verificado em outras regiões peninsulares como o Sudeste (Arribas e Molina, 1987) e a Meseta (Harrison, 1988; Harrison e Mederos Martín, 1998), ali representado pelo Grupo de Ciempozuelos. Também esta insuspeitada antiguidade, embora já sugerida pela cronologia obtida para a ocupação campaniforme do povoado baixo alentejano de Porto Torrão (Arnaud, 1993), bem como pelos elementos cronométricos obtidos no Zambujal (Kunst, 1996) tem vindo a ser confirmada além-Pirenéus (Salanova, 1998).

O faseamento da presença campaniforme na região em apreço, cujo apogeu se terá verificado por meados do III milénio a.C. tem-se apoiado, usualmente, na tipologia, técnicas e motivos decorativos da cerâmica (Soares e Silva, 1974/77; Bubner, 1979). Assim, a um primeiro momento – o Grupo Internacional – representado por vasos marítimos decorados a ponteadado (estilo AOO) nas suas diversas variantes (Fig. 9), acompanhados de caçoilas com decoração geométrica, também a ponteadado, suceder-se-ia o Grupo de Palmela, caracterizado pela taça de lábio aplanado e decorado, igualmente a ponteadado e, por último o Grupo Inciso, definido pela presença de caçoilas carenadas e grandes taças Palmela, profusamente decoradas, agora pela técnica incisa. Tal esquema, nos seus traços gerais, manteve-se até ao presente. Porém, apesar de se admitirem coexistências no espaço e no tempo destes diversos grupos, a verdade é que até agora não foi encontrado um único sítio, à escala regional, onde o horizonte mais antigo (supostamente representado pelo Grupo Internacional) se encontrasse isolado. Na verdade, a adopção de novas técnicas e padrões decorativos, por parte dos oleiros locais, terá sido rápida, o que explica a associação de vasos marítimos e caçoilas, cuja tipologia revela origem exógena, mas que foram rapidamente copiadas na região, a taças Palmela e pequenas taças hemisféricas, de tradição local. O que poderemos afirmar, no estado actual dos nossos conhecimentos, é que a um grupo campaniforme, mais antigo, no qual predominam as decorações a ponteadado, com percentagens variáveis de vasos campaniformes e de taças Palmela (dando credibilidade ao chamado Grupo de Palmela, equivalente do de Ciempozuelos), se sucede um grupo mais recente, onde predominam as decorações incisas, encontrando-se os vasos campaniformes, via de regra, ausentes (Grupo Inciso). Compreende-se a dificuldade de se estabelecerem fronteiras nítidas mesmo entre estes dois grupos: tal dificuldade é ilustrada pelos casos em que ocorrem, em contextos fechados e de “vida curta”, recipientes de tipologia muito variada e onde as duas técnicas coexistem. Refiram-se ainda aparentes anacronismos, como um bem conhecido, mas não único, vaso campaniforme AOO, recolhido na Gruta III de Palmela, decorado pela técnica incisa (Fig. 10), situação já salientada por Gonçalves (1971, p. 44). Por outro lado, não se podem ignorar condicionantes geográficas: as taças Palmela tornam-se cada vez mais raras para Norte do Tejo, acabando por desaparecer (um único exemplar isolado, das grutas de Eira Pedrinha constitui a ocorrência mais setentrional conhecida (Corrêa e Teixeira, 1949, Fig. 16), a par de exemplar da mamoa de Chã de Carvalhal, Amarante (Cruz, 1992): a tal escassez não se deve atribuir expressão cronológica, mas apenas geográfica. Que o Grupo Inciso é mais moderno que o de Palmela não restam dúvidas, conclusão confirmada pela data obtida para a Cabana EN de Leceia, associada a cerâmicas campaniformes incisas, estatisticamente mais moderna, para um intervalo de confiança de cerca de 95%, que a obtida para a Cabana FN da mesma estação, com materiais cerâmicos do Grupo Palmela (Cardoso e Soares, 1990/92): Cabana EN - ICEN - 1241 - 2629-2176 cal BC; Cabana FN - Sac - 1317 - 2825-2654 cal BC.

Por outro lado, a primeira daquelas datas é estatisticamente idêntica aos quatro valores obtidos para a necrópole da Verdelha dos Ruivos, Vila Franca de Xira, instalada em gruta natural (Leitão et al., 1984): também para uma probabilidade de cerca de 95%, a cronologia de tal ocupação, exclusivamente do Grupo Inciso, atingiria o fim do III milénio a.C. (Cardoso e Soares, 1990/92). Tal é, para a região em apreço, a cronologia atribuível às tumulações campaniformes efectuadas nas grutas naturais do Fumo e do Bugio, onde abundam os campaniformes incisos. Neste contexto, merece referência particular a pequena Lapa da Rotura onde a çaoila de ombro e a taça em calote ali exumadas, decoradas pela técnica incisa (Carreira, 1998, fig. 4), poderão reportar-se, como atrás se disse, a uma única tumulação.

O fim da presença campaniforme na região encontra-se balizado pela data obtida no povoado do Bronze Pleno de Catujal, Loures, a qual, para 95% de confiança, corresponde ao intervalo de 2028 - 1752 cal a. C. (Cardoso, 1994).

Com a multiplicação de pequenos "habitats" campaniformes, na maioria em sítios de há muito abandonados, como a colina do Moinho da Fonte do Sol (Fig. 17) ou a escarpa do Pedrão (Fig. 12) – ou ocupados pela primeira vez – Malhadas (Fig. 18) – configurou-se um sistema económico e social que já não se baseava no modelo concentracionário da população em grandes povoados fortificados, competitivos e guerreando-se mutuamente, até então vigente. A falência deste modelo, ditada por razões endógenas é, pois, independente da presença campaniforme, embora tenha coincidido no tempo com ela, desde um pouco antes de meados do III milénio a.C. até ao final do milénio.

Porém, o regresso, no final do Calcolítico, a modelo de povoamento formalmente idêntico ao existente na região no Neolítico Final, mais de mil anos antes, não é consequência de qualquer hipotética regressão económica ou social. A demonstrá-lo, o aumento de produtos exógenos, como o cobre, abundantemente manufacturado nos povoados campaniformes da foz do Sado, o qual era transportado pelo Sado desde os filões do Alentejo: disso são prova os cadinhos recolhidos em Moinho de Fonte do Sol (Soares, Barbieri e Silva, 1972) e no Pedrão (Soares e Silva, 1975, Est. XVII, n.º 227), ambos com decorações campaniformes. Com efeito, a circulação de matérias-primas e, sobretudo, de produtos manufacturados tornou-se

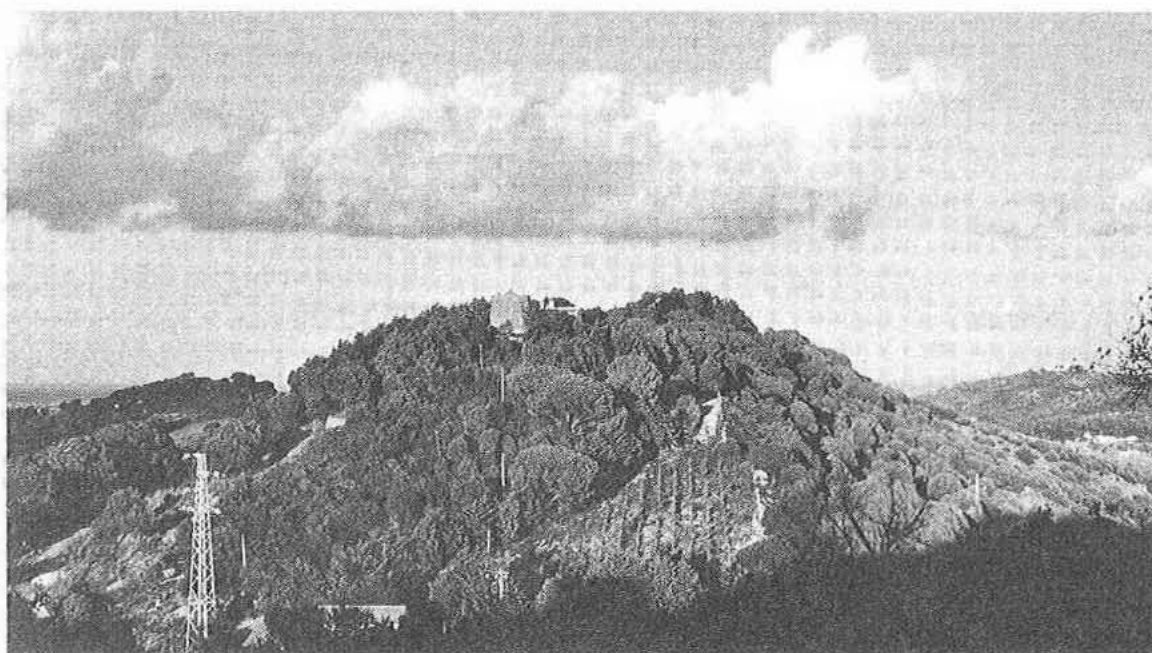


FIG. 17 – Povoado pré-histórico do Moinho da Fonte do Sol, implantado em colina isolada. Foto C. Tavares da Silva.

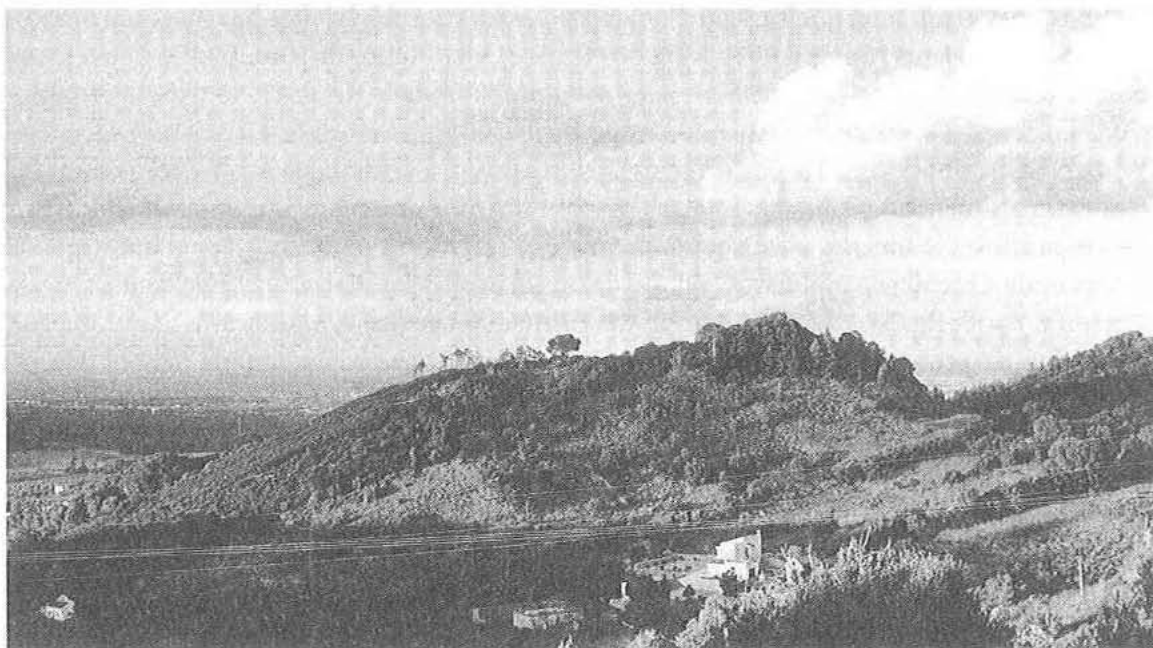


FIG. 18 – Povoado pré-histórico de Malhadas, implantado em pequena colina. Foto C. Tavares da Silva.

comum, constituindo o chamado “pacote” campaniforme (pontas Palmela, botões do tipo tartaruga e com dupla perfuração em V, braçais de arqueiro, etc.). Os objectos sumptuários, alguns deles de ouro, estão também representados na região, constituindo os conhecidos, por certo, uma ínfima parte dos conjuntos áureos originais: as Grutas I e III de Palmela forneceram diversos adereços, elementos de jóias como tiaras, braceletes ou gargantilhas, hoje impossíveis de reconstituir (Costa, 1907, Est.VI, fig. 320-324; 387-389; Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961, p. 42). Tais peças configuram a emergência de elites, dando continuidade ao processo de diferenciação social observável desde o início do Calcolítico. Tal conclusão é concordante com o aumento progressivo do equipamento bélico metálico, usado por um segmento guerreiro em gestação, que se viria a afirmar plenamente na Idade do Bronze, no seio de uma sociedade já complexa, constituída também por agricultores, pastores, artesãos e comerciantes.

7 - O Bronze Inicial e o Bronze Pleno

As derradeiras manifestações campaniformes – representadas tanto na Estremadura, como no Norte e no Sul do País por sepulturas individuais estruturadas, respectivamente em Montelavar, Sintra (Nogueira e Zbyszewski, 1943), na Quinta da Água Branca, Vila Nova de Cerveira (Fortes, 1906) e pelo grupo de Ferradeira, Faro (Schubart, 1971a), inscrevem-se já no Bronze Inicial.

São escassos os testemunhos do Bronze Pleno até agora identificados, com nítidas influências meridionais, as quais são, no entanto, suficientes para ilustrar a continuidade da presença humana na região em apreço. São exemplo algumas cerâmicas exumadas na Lapa do Fumo (Carreira, 1997, Est. 11), com paralelos na necrópole do Bronze do Sudoeste da Atalaia (Schubart, 1965); o vaso tetramamilado na carena, recolhido na Lapa da Rotura (Carreira, 1998, Fig. 4, n.º 5) possui homólogos evidentes tanto no exemplar exumado naquela necrópole, como no do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz



FIG. 19 – Vista da entrada da Lapa da Furada, em 1992, pequeno algar dissimulado na base de afloramento calcário da encosta meridional da Arrábida.

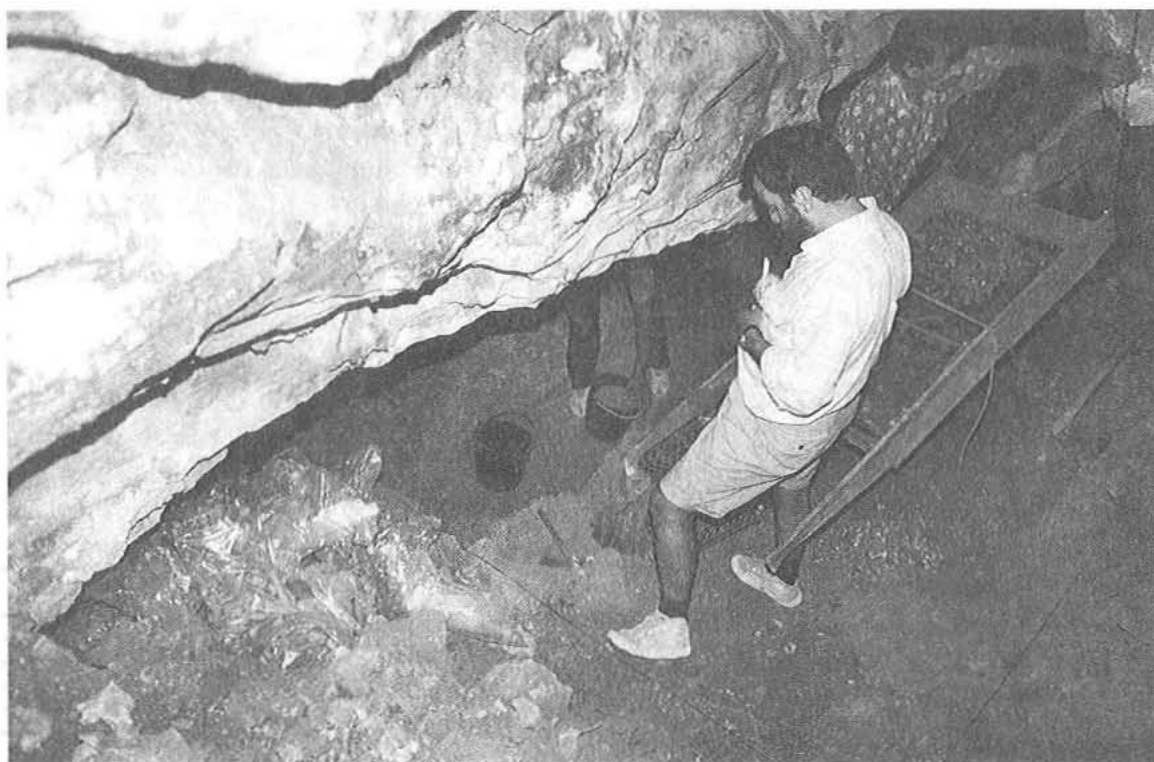


FIG. 20 – Vista parcial das escavações dirigidas pelo signatário na Lapa da Furada, em 1992.

(Gonçalves, 1988/89, Fig. 12). Este último, estava associado a punção losânguico de cobre, "fóssil director" do Bronze Pleno. Na Lapa da Furada (Figs. 19, 20), perto de Azóia de Baixo, Sesimbra, registou-se curioso ritual funerário do Bronze Pleno (Cardoso e Cunha, 1995; Cardoso, 1997). Com efeito, o espólio recolhido integra-se, sem dificuldade no horizonte do Bronze Pleno do Catujal, também ele com notórias influências do Bronze do Sudoeste (Cardoso e Carreira, 1993; Carreira, 1997).

Na primeira sala da cavidade, ainda iluminada pela luz do dia através de um algar vertical com cerca de 4 m de altura, identificou-se um ossário, cuidadosamente espalhado por todo o espaço disponível no Bronze Pleno, constituído por ossos humanos mais antigos como indicam os resultados das análises de radiocarbono efectuadas (Cardoso, 1993; Cardoso e Cunha, 1995; Cardoso, 1997). A conclusão que se impõe é a de terem tais despojos sido removidos de outra cavidade, por motivos que se desconhecem, mas que se podem relacionar com a intensa reutilização ritual de grutas, no decurso da Idade do Bronze. Esta realidade encontra-se igualmente exemplificada na região pelas cerâmicas do Bronze Final da Lapa do Fumo, adiante referidas.

8 - O Bronze Final

Desconhecem-se presenças do Bronze Final na região anteriores ao horizonte das cerâmicas de ornatos brunidos, aqui reportadas ao termo do Bronze Final (Cardoso e Carreira, 1993). Na Andaluzia, tais cerâmicas subsistem até ao século VI a.C. como mostra a estratigrafia do Cabezo de San Pedro, em Huelva (Belén, Amo e Fernández-Miranda, 1983). O mesmo se verificou, recentemente no povoado de altura do Castelinho da Serra, Montemor-o-Novo, onde tais cerâmicas atingiram os séculos VII-VI a.C., encontrando-se associadas estratigraficamente a materiais orientalizantes (Gibson, Correia e Burgess, 1998). Esta ocorrência parece dar razão à hipótese de Gamito (1990/1992), segundo a qual existiria no Alentejo um grupo de cronologia intermédia entre o grupo da Estremadura, ainda reportável essencialmente ao Bronze Final e o grupo andaluz, que se prolongaria pela I Idade do Ferro; a diacronia entre ambos encontra-se corporizada por diferenças ao nível das formas, que são predominantemente abertas no grupo andaluz, ao contrário do observado na Estremadura, onde abundam os grandes vasos fechados, com distintas temáticas decorativas.

Na verdade, muitas têm sido as discussões, desde o trabalho pioneiro de E. da Cunha Serrão sobre a origem e a cronologia das cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Serrão, 1958) acerca da sua origem e cronologia. A hipótese de se deverem a influxos exógenos, oriundos do Mediterrâneo Central, foi apresentada por Schubart (1971b) e ulteriormente reforçada pela recolha, no notável monumento funerário da Roça do Casal do Meio, Calhariz, Sesimbra (Fig. 21) de um grande pote com decoração brunida reticulada, associado a fibula de enrolamento no arco (Fig. 22), cuja tipologia é reportável a paralelos sardos dos séculos XI-X a.C. (Spindler, 1973-1974). Estaríamos então perante intensos contactos mediterrâneos, correspondentes ao período designado por proto-orientalizante, na Andaluzia (Almagro-Gorbea, 1990). Tenham-se ainda presentes as contas de pasta vítrea, consideradas micénicas, recolhidas por Schubart (1965) na necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste da Atalaia, Ourique. Aliás, têm vindo a registar-se, em número crescente, vestígios micénicos ao longo da bacia do Guadalquivir: de um primeiro achado em Montoro (Martín de la Cruz, 1990), atribuível ao período de 1300-1100 a.C., passou-se rapidamente para sete sítios, estendidos pelo litoral do Sudeste peninsular (Martín de la Cruz, 1992).

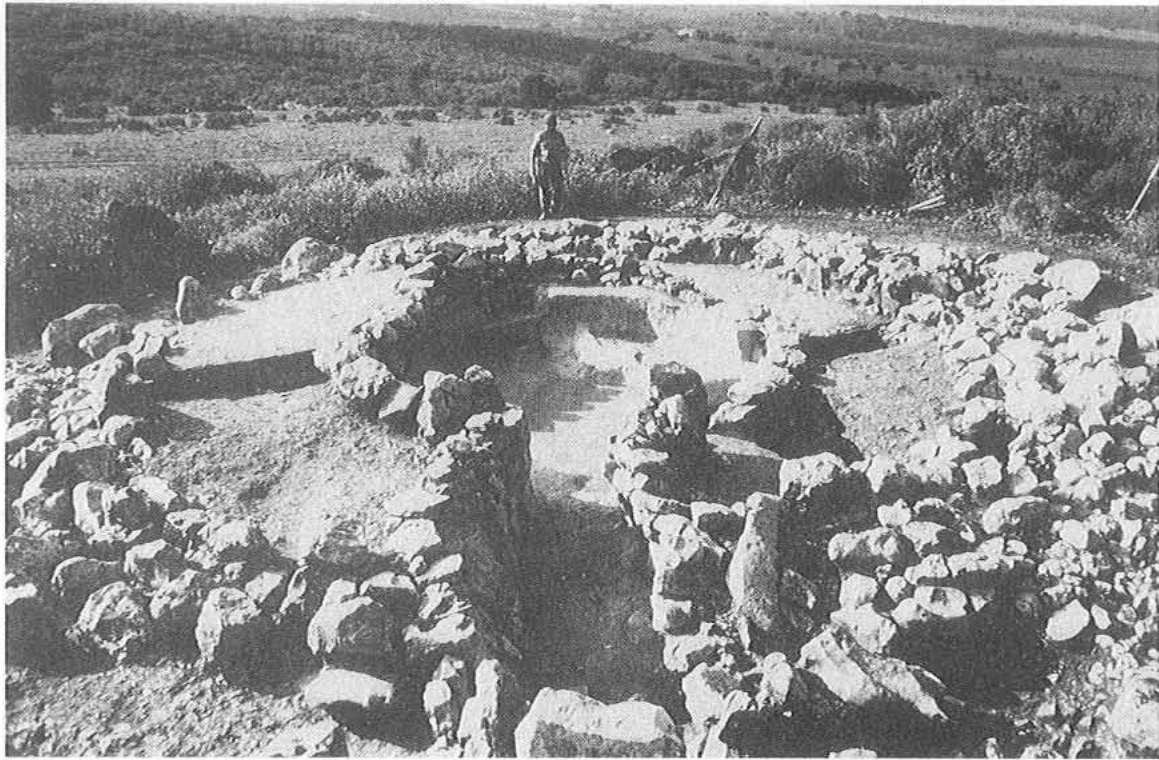


FIG. 21 – Monumento da Roça do Casal do Meio. Vista geral no fim das escavações. Foto K. Spindler/O. da Veiga Ferreira.

Salienta-se a presença de dois possíveis altares, identificados em El Ofício, Almería e no Cerro de la Encantada, Ciudad Real que pressupõem, por parte das populações indígenas, um grau de aculturação elevado. Tais considerandos têm razão de ser, na abordagem do monumento da Roça do Casal do Meio, cuja arquitectura evoca as *tholoi* micénicas, embora a cronologia destas, mesmo das mais recentes (finais do século XIII a. C.) seja incompatível com a desta, cerca de 200 anos mais recente, na melhor das hipóteses.

Na câmara, foram identificados dois esqueletos, ambos de indivíduos do sexo masculino (Figs. 23 e 24), cujo alto estatuto social era sublinhado pelos adereços que os acompanhavam: um pente de marfim, pinças para depilação, um fecho de cinto do tipo “agrafe” (Fig. 22), para além da fíbula e dos recipientes cerâmicos atrás aludidos. A ausência de armas, tão comuns no Bronze Final, faz crer na hipótese de os inumados serem comerciantes ou mesmo “missionários”, para retomar uma velha expressão de Childe, falecidos nesta finisterra, os quais, pretendendo perpetuar a sua memória, teriam construído túmulo idêntico aos existentes no país de origem. Seja como for, a arquitectura e materiais exumados constituem exemplo

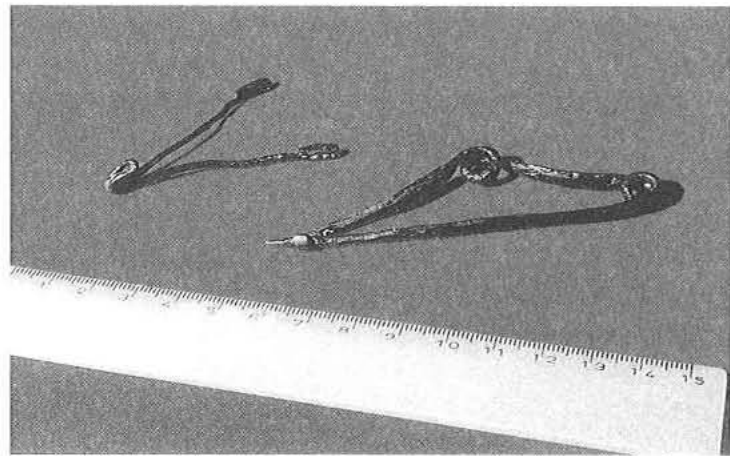


FIG. 22 – Fíbula de enrolamento no arco, em primeiro plano e “agrafe” de fecho de cinturão, em segundo plano, do monumento da Roça do Casal do Meio. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Foto M. Leitão/arquivo O. da Veiga Ferreira.



FIG. 23 – Monumento da Roça do Casal do Meio. Vista parcial da câmara e do esqueleto 1, que nela jazia em decúbito dorsal. Foto K. Spindler/O. da Veiga Ferreira.



FIG. 24 – Monumento da Roça do Casal do Meio. O esqueleto 2, em decúbito lateral com braços e pernas flectidas, depositado em pequena banquetta de argila batida, encostada à parede da câmara. Foto K. Spindler/O. da Veiga Ferreira.

frisante das relações culturais mediterrâneo-atlânticas vigentes no fim da Idade do Bronze, especialmente através da importação de produtos de luxo, destinados às elites locais, como as fibulas de cotovelo, de origem cipriota, de que se conhecem diversos exemplares dispersos pelo território peninsular (Coffyn e Sion, 1993). Porém, na região em apreço são escassos, os testemunhos conhecidos de povoamento do Bronze Final. Apenas no alto do Cabeço dos Mouros se identificou uma ocupação, pouco importante, a atendermos à parca amostragem recuperada (Silva e Soares, 1986, Fig. 97). Pastores e agricultores dispersar-se-iam pelos campos adjacentes; sobre eles recaía a responsabilidade de assegurarem o sustento das elites. É desta forma que se podem interpretar os achados de artefactos metálicos de carácter utilitário: em Pedreiras, recolheu-se uma foice e um machado de alvado com duplo anel; de Alfirim, povoação situada na parte norte do concelho, junto a terras de alta fertilidade, provêm dois machados de alvado (Serrão, 1967).

Os machados são de tipologia dita atlântica, provavelmente de fabrico estremenho, ocorrendo apenas esporadicamente, por razões comerciais, na área mediterrânea, na península itálica e na Sardenha (Coffyn e Sion, 1993, carta 3). Quanto à foice, trata-se de exemplar do tipo Rocanes, também de fabrico local ou regional, comprovado pelo achado de molde de arenito no sítio epónimo, perto do Cacém, Sintra (Fontes, 1916). Conhecem-se cerca de vinte exemplares, todos do centro do país e do Alentejo (Coffyn, 1985).

A ausência de cobre e de estanho na região, indispensável para a manufactura de peças como as referidas, requeria a sua importação, recorrendo-se ao estanho oriundo das Beiras, através do vale do Tejo e ao cobre do Alentejo, escoado pelo Sado, em troca de produtos cerealíferos, talvez os únicos bens susceptíveis de serem produzidos excedentariamente na Baixa Estremadura, tendo em vista o seu comércio: o povoado instalado na foz do Sado, na zona urbana de Setúbal, no Bronze Final, se pode relacionar-se com as aludidas actividades comerciais. Outros assinalaram já o papel da Estremadura como placa giratória entre o Norte e o Sul, o litoral e o interior (Kalb, 1980). É natural que as populações locais retirassem benefícios da posição geográfica de excepção dos territórios que ocupavam e administravam, em termos de mais-valias no âmbito dos circuitos trans-regionais então estabelecidos e mantidos. Populações de organização já firmemente hierarquizada (ao contrário do defendido, na mesma época, para a região tartéssica, por Wagner, 1995, p. 115), que não obstava a que se mantivessem francamente abertas a estímulos culturais diversos, tal como as suas antecessoras desde o Neolítico Final, ora mediterrâneos, ora atlânticos e que facilitaram, nos alvares do século VIII a.C., o sucesso da empresa fenícia, expresso pela rápida difusão dos produtos que os Fenícios consigo traziam para comerciar.

BIBLIOGRAFIA

-
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) - El Período Orientalizante en Extremadura. In *La cultura tartésica y Extremadura*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Cuadernos Emeritenses; 2), p. 85-125.
- ARNAUD, J. M. (1993) - O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 41-60.
- ARRIBAS, A.; MOLINA, F. (1987) - New Bell Beakers discoveries in the Southeast Iberian Peninsula. In W. H. Waldren; R. C. Kennard, eds.- *Bell Beakers of the Western Mediterranean*. Oxford, BAR International Series, 331 (1), p. 129-146.

- BELÉN, M.; AMO, M. del; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. (1983) - Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX - VI a.C. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 6, p. 21-39.
- BUBNER, T. (1979) - Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo (Moura). *Ethnos*. Lisboa. 8, p. 139-151.
- CARDOSO, J. L. (1991) - Sobre os ídolos de calcário - "pinhas" - do Calcolítico da Estremadura. Algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 1, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1992a) - A Lapa do Bugio. Setúbal, *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1992b) - A jazida neolítica da Amieira (Sesimbra). Nota da sua identificação. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 2, p. 10-14.
- CARDOSO, J. L. (1993) - Primeira campanha de escavações realizada na Lapa da Furada (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 3, p. 15-17.
- CARDOSO, J. L. (1994) - Do Paleolítico ao Romano - investigação arqueológica na área de Lisboa, os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-madan*. Almada. Série II. 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1995) - Materiais arqueológicos inéditos das grutas de Carnaxide (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 67-86.
- CARDOSO, J. L. (1997) - A cronologia absoluta do depósito arqueológico da Lapa da Furada - Azóia, Sesimbra: seu significado e incidências rituais e culturais. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 6, p. 10-15.
- CARDOSO, J. L. (1998) - Arqueologia da região meridional da península de Setúbal. Breve síntese baseada nos principais testemunhos arqueológicos. *Al-madan*. Almada. Série II. 7, p. 23-36.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*. Lisboa. 2, p. 193-206.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1994) - Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisivas no Neolítico Final estremenho. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 69-78.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA A. S. (1995) - A Lapa da Furada (Sesimbra). *Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. (1990/1992) - Cronologia absoluta para o Campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8-10, p. 193-206.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. Almada. *Al-madan*. Série II. 4, p. 10-13.
- CARREIRA, J. R. (1997) - Catujal: um povoado da Idade do Bronze (Médio) à entrada da "Ria de Loures". Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 119-140.
- CARREIRA, J. R. (1998) - A ocupação da Pré-história recente do Alto de Chibanes (Palmela). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa: Colibri, p. 123-213.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1996) - Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final atlantique dans la Péninsule Ibérique*; Univ. Bordeaux III, Centre Pierre Paris. Paris, Diffusion De Boccard, 441 p.
- COFFYN, A.; SION, H. (1993) - Les relations atlanto-méditerranéennes: éléments pour une révision chronologique du Bronze final atlantique. *Méditerranée*. Lisboa. 2, p. 285-310.
- CORRÊA, A. M.; TEIXEIRA, C. (1949) - *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- COSTA, A. I. M. da (1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Apontamentos para o seu estudo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 7, p. 275-282; 8, p. 47-52, 137-148, 266-274; 9, p. 145-153; 10, p. 185-193; 11, p. 41-50; 12, p. 206-217, 320-338; 13, p. 270-283; 15, p. 55-83.
- CRUZ, D. J. da (1992) - *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (serra da Aboboreira)*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.
- FERREIRA, O. da V.; SILVA, C. T. da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 203-225.
- FONTES, J. (1916) - Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 23, p. 337-347.

- FORTES, J. (1906) - La sépulture de Quinta da Agua Branca près Porto (Portugal) (Âge du Cuivre). *Révue Préhistorique*. Paris. 5, 21 p. (separata).
- GAMITO, T. J. (1990/1992) - A cerâmica de retícula brunida do castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 8/10, p. 277-297.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H.; BURGESS, C. B. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p. 189-244.
- GONÇALVES, V. dos S. (1966) - O castro pré-histórico da Rotura - Setúbal. *Lucerna*. Porto. 5, p. 476-511.
- GONÇALVES, V. dos S. (1970) - Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. II - A propósito de duas placas de xisto, da Lapa do Bugio. In *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), Lisboa, 1, p. 413-421.
- GONÇALVES, V. dos S. (1971) - *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal, Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. dos S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália* (N. S.). Porto. 9/10, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. dos S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH.
- HARRISON, R. J. (1988) - Bell Beakers in Spain and Portugal: working with radiocarbon dates in the 3rd millennium BC. *Antiquity*. Cambridge. 62, p. 464-472.
- HARRISON, R. J.; MEDEROS MARTÍN, A. (1998) - Bell Beakers and differential social complexity in Central Spain. In *Bell Beakers Today* (Riva del Garda, Trento, May 1998), Abstracts, Provincia Autonoma di Trento, p. 21-23.
- KALB, P. (1980) - O "Bronze Atlântico" em Portugal. In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 1, p. 112-138.
- KUNST, M. (1996) - As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G. (1984) - The prehistoric burial cave at Verdinha dos Ruivos (Vialonga), Portugal. In J. Guilaine (ed.), *L'Âge du Cuivre Européen - civilisations à vases campaniformes*. Toulouse: CNRS, p. 221-239.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1990) - Die erste mykenische Keramik von der Iberischen Halbinsel. *Præhistorische Zeitschrift*. Berlin-New York. 65, p. 49-61.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J. C. (1992) - La Península Ibérica y el Mediterráneo en el segundo milenio AC. In *El Mundo micénico, cinco siglos de la primera civilización europea 1600-1100 a.C.* Madrid: Ministerio de Cultura, p. 110-114.
- MONTEIRO, J. P. (1980) - O acampamento do Bronze das Pontes de Marchil. In *Descobertas arqueológicas no sul de Portugal*. Lisboa: Centro de História das Universidades de Lisboa; Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, p. 43-45.
- MONTEIRO, R.; SERRÃO, E. da C. (1959) - Estação Isabel (necrópole pré-histórica da Azóia). In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 407-429.
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1971) - Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio (Azóia - Sesimbra). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 107-120.
- NOGUEIRA, A. M.; ZBYSZEWSKI, G. (1943) - Túmulo da época do Bronze. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 24, p. 95-97.
- RIBEIRO, C. 1866) - *Descrição do solo quaternario das bacias hydrographicas do Tejo e Sado*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- RIBEIRO, L.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1967) - Estatueta de "terracota" de Comporta, Setúbal. *Arquivo de Beja*. Beja. 22, p. 185-190.
- SALANOVA, L. (1998) - A long way to go... The Bell Beaker chronology in France. In M. Benz e S. van Willingen (eds.) *Some new approaches to the Bell Beker "phenomenon" Lost Paradise...?* Oxford, BAR International Series 690, p. 1-7.

- SANGMEISTER, E.; RIBEIRO, L. (1967) - Der neolithische Fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 8, p. 31-45.
- SCHUBART, H. (1965) - Atalaia - uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja, 22, p. 7-136.
- SCHUBART, H. (1971a) - O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 8:3-4, p. 189-215.
- SCHUBART, H. (1971b) - Acerca de la cerámica del Bronce tardío en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid, 28, p. 153-182.
- SERRÃO, E. da C. (1958) - Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e bruni-dos. *Zephyrus*. Salamanca, 9:2, p. 177-186.
- SERRÃO, E. da C. (1967a) - As grutas A e B do Forte do Cavalo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra, 1, p. 76-93.
- SERRÃO, E. da C. (1967b) - Bronzes de Alfarim e de Pedreiras. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra, 1, p. 76-93.
- SERRÃO, E. da C. (1973) - *Carta Arqueológica do concelho de Sesimbra (desde o Paleolítico Antigo até 1200 d. C.)*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- SERRÃO, E. da C.; MARQUES, G. (1971) - Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 121-152.
- SILVA, C. T. da (1963) - Fauna malacológica do castro da Rotura. Setúbal: Tertúlia Cultura, Ciência e Saber.
- SILVA, C. T. da (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 2, p. 175-192.
- SILVA, C. T. da; CABRITA, M. G. (1968) - A utilização de moluscos durante o Eneolítico português. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 7:3-4, p. 307-338.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1979) - Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André, Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 4, p. 71-115.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Natural.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1997) - Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais (Homenagem ao Professor A. A. Tavares)*. Lisboa, 6, p. 33-66.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. A. S. (1986) - Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14 C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto, 14, p. 59-82.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1974-1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 7-9, p. 102-112.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 1, p. 53-153.
- SOARES, J.; BARBIERI, N.; SILVA, C. T. da (1972) - Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo - Palmela). *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX. 4, p. 235-268.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da; BARROS, L. (1979) - Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 5, p. 47-65.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1973-1974) - Le monument à coupole de l'Age du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, 57, p. 53-154.
- WAGNER, C. (1995) - Fenícios y autoctones en Tartessos: consideraciones sobre las relaciones coloniales y la dinámica de cambio en el Suroeste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid, 52:1, p. 109-126.
- ZBYSZEWSKI, G.; MANUPELLA, G.; ASSUNÇÃO, C. F. T.; FERREIRA, O. da V. (1965) - *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 38-B (Setúbal)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

* Academia Portuguesa da História. Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras